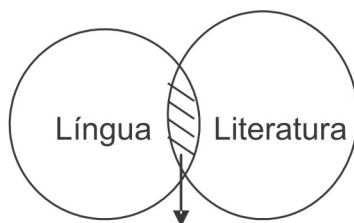


LITERATURA E ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Leodegário A. de Azevedo Filho
(Professor emérito da UERJ, Titular da UFRJ e
Presidente da Academia Brasileira de Filologia)

Partindo-se do princípio de que a filologia, entre outras conceituações, também pode ser entendida como o ensino da língua como instrumento de uma literatura, aqui pretendemos defender a idéia de que há inevitável relação de intersecção entre a língua e a literatura nela expressa, de tal forma que a crítica filológica e a crítica literária são, necessariamente, complementares. Assim:



Relação de intersecção,
jamais de exclusão,
entre dois campos semânticos

De forma objetiva e comprobatória dessa posição teórico-metodológica, será analisado um poema de um autor angolano (Viriato da Cruz) em confronto com um poema de um autor brasileiro (Jorge de Lima), ambos modernos, para demonstrar que a implantação da língua portuguesa em Angola e no Brasil seguiu caminhos naturalmente diversos. O texto, portanto, insere-se no tema geral do Colóquio: “A Língua Portuguesa na Lusofonia”. E defende a posição didática de que o ensino da língua deve ser desenvolvido a partir de textos literários, preferencialmente.

Nesse sentido, em caráter preliminar, aliás de todo indispensável, examinemos a questão da língua portuguesa em contacto com as línguas africanas, ainda que em termos de rigorosa síntese.

No primeiro caso, situando-se o assunto no vasto campo da Sócio- e da Etnolingüística, bem sabemos que, no século XVI, quando o Brasil foi descoberto pelos portugueses, a língua mais falada na costa brasileira era a dos Tupinambás, base da chamada Língua Geral (ou de intercurso) estudada pelo padre José de Anchieta, a partir de anotações anteriores do padre Aspilcueta Navarro, ambos da Companhia de Jesus. Sobre o assunto, que é longo, pedimos licença para remeter os que nos dão a honra de ouvir ao “Estudo Introdutório” que redigimos para a edição espanhola da *Arte de Grammatica da Lingoa mais Usada na Costa do Brasil*, publicada, pela primeira vez, em Coimbra, no ano de 1595, por Antonio Mariz. (Madrid, ediciones de Cultura Hispánica – Agencia Española de Cooperación Internacional, do Ministério de Assuntos Exteriores de España, 1999). Tratamos ainda da matéria, juntamente com o saudoso professor Sílvio Elia, no livro *As poesias de Anchieta em Português* (Rio de Janeiro, Antares, 1984). Aqui, no que se refere à implantação da Língua Portuguesa no Brasil, ressaltamos apenas os seguintes tópicos: século XVI, primeiro contacto da língua indígena falada na costa brasileira com a Língua Portuguesa; no século XVII, época das Entradas e Bandeiras, houve um período de bilingüismo, com empréstimo de adstrato das línguas indígenas para o português, mas apenas em relação ao vocabulário, como se vê em nossa antroponímia e toponímia, mas sempre com adaptação fono-morfológica dos vocábulos das várias línguas indígenas para o Português, a exemplo de vários nomes geográficos ou em nomes de nossa flora e fauna, havendo com isso um enriquecimento do léxico do Português no Brasil; e já no século XVIII, o Português havia suplantado definitivamente os falares indígenas, transformando-se em língua nacional do Brasil, como seguramente o demonstra o filólogo brasileiro Serafim da Silva Neto, em sua conhecida e importantíssima *História da Língua Portuguesa*. Sendo assim, a partir do século XIX, a elite intelectual brasileira – como sempre lembrava Eugenio Coseriu em nossos Congressos da SBL – assumiu a Língua Portuguesa como dela, explicando-se assim as famosas polémicas entre portugueses e brasileiros, a exemplo da que travou Carlos de Laet com Camilo Castelo Branco e da que travou Pinheiro Chagas com José de Alencar. A língua portuguesa é nossa e ela será o que todos juntos – todos os que a falam no vasto mundo lusófono – fizermos dela.

Também em termos de rigorosa síntese, vejamos como o Português foi implantado em nações africanas, tomando como exemplo apenas Angola, por não haver tempo para tratarmos das demais nações africanas de língua oficial portuguesa. No Brasil, seja-nos lícito lembrar ainda, com fundamento na conhecida classificação de Otto Jespersen, em relação às línguas africanas trazidas pelos escravos, o que se tem é o seguinte: integração da população que vem de fora, a África, numa organização social e política já existente. Houve, no caso, empréstimos lingüísticos em relação às línguas africanas trazidas para o Brasil.

Como é evidente, faltava ao escravo a necessária motivação social para falar bem a língua dos colonizadores portugueses, contentando-se assim com um falar crioulo, com simplificação do sistema lingüístico, por força da introdução na Língua Portuguesa de traços próprios das línguas africanas. A propósito escreveu Gilberto Freyre, em *Casa Grande e Senzala*: “A ama negra fez muitas vezes com as palavras o mesmo que com a comida: machucou-as, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles.” Poderia haver melhor explicação do que esta para a doçura melodiosamente vocálica da pronúncia brasileira? Aliás, o escritor português Miguel Torga, no seu importante livro *Traço de União*, aconselha aos portugueses que vêm ao Brasil que pronunciem as vogais e amaciem as consoantes. Mas a língua, como sistema, é a mesma, com naturais variações de normas e de usos, como ocorre em qualquer outro grande bloco lingüístico do mundo, variações que não atingem o sistema (*la langue*), situando-se apenas no espaço da *parole*, ou seja, no espaço da norma e do uso da língua. Na verdade, a flexibilidade e a plasticidade do português, amoldando-se às necessidades de expressão dos povos etnolingüísticamente distintos, atingiram limites que seriam insuportáveis em outras línguas do mundo. Mas será bom distinguir sempre tupinização ou africanização de aportuguesamento, pois os empréstimos lingüísticos de línguas indígenas ou africanas, no português do Brasil, foram todos ajustados ao sistema da lusofonia.

Com efeito, só houve simplificação, no falar crioulo, do sistema fônico, mórfico e sintático da língua dos colonizadores. E a ação da mãe-preta ou ama negra na educação dos filhos dos senhores, em nosso sistema de aristocracia rural, foi, aos poucos, possibilitando a penetração de empréstimos de línguas africanas no Português do Brasil. Mas tais empréstimos, sobretudo os de ordem vocabular, adaptaram-se naturalmente à fonologia e à morfologia da Língua Portuguesa, como procuramos demonstrar no ensaio intitulado “Aspectos do Português do Brasil”, publicado na Miscelânea de estudos em homenagem ao saudoso professor Joseph M. Piel. (*Philologische Studien für Joseph M. Piel*. Heidelberg, Carl Winter-Universitätsverlag, 1969, pp.16-23). Texto republicado no livro de nossa autoria intitulado *Ensaio de Lingüística, Filologia e Ecdótica*. Rio de Janeiro, SBLL-UERJ, 1998, pp.45-54).

Retornando-se especificamente à temática das línguas africanas em contacto com a língua portuguesa, naturalmente se abriram espaços sócio- e etnolingüísticos para o aparecimento de literaturas africanas escritas em língua portuguesa, sobretudo a partir da segunda metade do século XIX. Como é sabido, lá coexistem – ao contrário do que ocorreu no Brasil – persistentemente, línguas africanas ao lado da língua portuguesa, ambas recebendo empréstimos recíprocos de adstrato. Assim, tais espaços que, de início, foram plurilíngües

e, algumas vezes, apenas bilíngües, tenderam a transformar-se em espaços de intenso hibridismo lingüístico com o contacto da língua dos colonizadores com as línguas africanas de base, de tal forma que o sistema lingüístico do português começou a receber influxos fônicos, morfo-sintáticos e semânticos das línguas africanas, num processo sócio e etnolingüístico de variação da linguagem, dentro de um meio social ou dentro de uma cultura específica. Em tais circunstâncias, a Língua Portuguesa se apresentou como a língua política ou administrativa, usada por uma minoria constituída de funcionários, que naturalmente iriam recorrer a intérpretes para o processo de comunicação com o povo, em sua imensa maioria falando apenas línguas nativas. A propósito, nota-se que aqui já aparecem marcas de criouliização lingüística, com a costumeira simplificação de processos gramaticais e com a redução do vocabulário ao mínimo indispensável, para que a comunicação fluísse bem. Tais falares crioulos são portugueses apenas pela base lexical, mas já o não são por sua gramática, por força da interpenetração dos sistemas de línguas em contacto. Aliás, é daí que se formam os discursos mestiçados, com a africanização de formas portuguesas, como podemos ver no poema do escritor angolano Viriato da Cruz aqui anexado. Tratamos do assunto, mais detidamente, no ensaio intitulado “Línguas Africanas em contacto com o Português”, publicado no já citado livro *Ensaio de Lingüística, Filologia e Ecdótica*, páginas 119-124. Em síntese, a literatura angolana em língua portuguesa teve início nos meados do século XIX, quando o prelo foi instalado naquela colônia africana, embora a partir da década de 1930 é que viesse a afirmar-se, graças às condições de sócio- e de etnolingüística então existentes, como testemunha a antologia intitulada *50 Poetas Africanos* (Lisboa, Plátano, 1986), volume organizado e prefaciado por Manuel Ferreira, grande estudioso do assunto e saudoso amigo. Antes disso, o mesmo podia-se verificar na antologia *Poesia Angolana Moderna* (Bari, Adriatica, 1981), organizada e prefaciada pela romanista Fernanda Toriello. Insistimos em que estamos tratando apenas da língua literária de uma nação – Angola – hoje autônoma e independente. Uma nação que fala, como se sabe, várias línguas nativas, todas ágrafas. Por isso mesmo, a língua portuguesa, com todas as vantagens de ser uma língua de cultura ou de civilização escrita, passou a ser a língua oficial de Angola, e das demais nações africanas que integram o vasto mundo da lusofonia, ao lado de Portugal e do Brasil.

Mas, aqui, trataremos apenas dos conceitos lingüísticos de africanização e aportuguesamento, a partir de textos literários, conforme metodologia por nós sempre adotada. Para confronto, selecionamos dois poemas: *Essa negra Fulô*, de Jorge de Lima, poeta brasileiro, e *Sô Santo*, de Viriato da Cruz, poeta angolano, ambos do século XX. No texto de Jorge de Lima, teremos que comentar, inicialmente, o nome próprio Fulô, em português Flor. Observamos aqui que o Kimbundo, como em geral as demais línguas africanas, apresentam a seguinte

estrutura vocabular: cvcv..., ou seja, consoante e vogal, consoante e vogal... Portanto, em Flor, para desfazer-se o grupo consonantal Fl, por epêntese, foi introduzida a vogal /u/, tendo-se então Fulô, com apócope da consoante /r/ final não seguida de vogal em Flor. O substantivo comum bangüê, no terceiro verso, tem o sentido de “engenho de açúcar primitivo, movido a força animal.” Palavra que vem, segundo Antenor Nascentes, do Kimbundu mba’ngwe. Forma aportuguesada: bangüê. A palavra Sinhá: forma de tratamento com que os escravos designavam a Senhora ou Patroa. A. Nascentes deriva de Sinhô, com apócope do /r/ final, tendo-se o feminino: “Sinhá”. O nome mucama (ama-de-leite), do Kimbundu mukama, tem o sentido de “escrava ou criada negra, geralmente jovem, que vivia mais próxima dos senhores, ajudando nos serviços caseiros e acompanhando sua senhora em passeios.” O substantivo cafuné – para A. Nascentes do quimbundu kifunate – tem o sentido de “afago ou carícia com a ponta dos dedos no couro cabeludo de outrem.” O termo kimbundo (do bantu kimbundu), língua falada em Angola, pertence à família banto e é falada pelos ambundos (grupo banto que habita províncias de Angola). A palavra banto tem o sentido de “grande conjunto de línguas do grupo nigero-gongolês oriental, faladas em África e reunidas basicamente por critério morfossintático e lexical.” Cabeção significa peça de roupa que se usa acima da cintura. E cadê tem o sentido de “que é de?” ou “onde está?” Como se vê, tudo aportuguesado.

Já o texto de Viriato da Cruz se apresenta, sobretudo em sua parte inicial, repleto de formas portuguesas africanizadas que vão diluindo o bilingüismo pelo aparecimento de um discurso mestiçado. No Brasil, observe-se bem, nunca houve o predomínio literário de qualquer espécie de discurso mestiçado por tupinização ou africanização. No Brasil, literariamente, predominou o aportuguesamento de palavras de origem indígena ou de origem africana. Em África, o bilingüismo persistiu – e aqui está a diferença – e ainda hoje persiste. A propósito, em 1948, observa-se que os jovens escritores da geração de “Vamos descobrir Angola!”, ao que pensamos, não chegaram a pregar nenhum movimento de regresso cego e radical às origens primitivas da negritude, como se isso fosse culturalmente possível, eliminando-se assim todo o longo processo colonizador. O que certamente pregaram foi o regresso ao mundo da angolanidade, em termos puramente culturais. No caso, o poema “Sô Santo”, aqui anexado, de Viriato da Cruz, pode ser visto como uma espécie de modelo textual da moderna literatura angolana. No poema em causa, claramente se exprime uma forma própria de mestiçagem cultural, criando-se assim uma língua literária também mista, ao contrário do que vimos no poema de Jorge de Lima. Para melhor compreensão literária do texto vamos recorrer à filologia e procurar explicar o sentido das palavras portuguesas que foram africanizadas. Começemos pelo título: “Sô Santo”, onde se observa a redução de “Senhor” a “Seu” e, depois, a “Sô”. E “Santo” é forma apocopada de “Santos”, nela elimi-

nando-se o –s final por força da estrutura vocabular da língua nativa: cvcv..., ou seja, consoante mais vogal, consoante mais vogal..., como aqui foi explicado. “Beça” é igual a “bênção”, por desnasalização do /e/ e por redução do ditongo a vogal. “Musseques” tem o sentido de “quarteirão de barracos habitado por negros na periferia da cidade”. “Beça-nganas” é palavra composta que tem o sentido de “moças ou raparigas solteiras que ainda pediam a bênção aos mais velhos, ou seja, raparigas ingênuas.” “Rebitas” é o mesmo que “festas ou bailes”. “Muari-ngana Santo” quer dizer “O Senhor Santos”. Em “Ual’ o banda ó calaçala”, há “calçada”, com epêntese do /a/ e assimilação regressiva do /d/ ao /l/, para adaptar o vocábulo português à estrutura vocabular da língua africana, por clara africanização, portanto. Em “Chaluto”, tem-se a troca do /r/ pelo /l/, por lambdacismo, deformando-se a pronúncia do vocábulo português, como nos casos anteriores, sempre por africanização. “Mu muzumbo” significa “nos lábios ou na boca.” “Kitoto” é uma bebida fermentada, semelhante à nossa cerveja, mas feita com milho. E era consumida pelos pobres. O termo “ngaieta” designa um instrumento musical semelhante à nossa harmônica. “Kimbanda” é o mesmo que “médico, adivinho, curandeiro, exorcista, mago ou profeta.” “Ngombo” é o “Deus da verdade.” E “Sandu” é o espírito ou divindade protetora do povo.

O texto do poeta angolano Viriato da Cruz (Angola, 1928 – Pequim, 1973) exemplifica bem o que seja “discurso mestiçado”, como produto de um contexto também de mestiçagem cultural, de que “Sô Santo” é uma figura simbólica. O poema não está propriamente empenhado em regressar às primitivas origens da negritude, para eliminar as influências da colonização portuguesa. O seu empenho consiste em regressar ao próprio mundo cultural africano, para resgatá-lo em sua forma histórica. Houve tempo em que as personagens, como “Sô Santo”, tiveram um papel importante e definido na sociedade angolana, sendo mesmo respeitadas pela população. Observe-se que Viriato da Cruz terminou o poema com uma disjunção altamente significativa: “... Se ele é o símbolo da Raça/ ou vingança de Sandu...” Ou seja: o leitor africano deve meditar naquilo que aconteceu a “Sô Santo”. O leitor terá que optar por uma das duas alternativas: a primeira, de ascensão social, simbolizada no poema por expressões como “grande corrente de ouro”, “dono de musseques e mais musseques”, “banquetes pra gentes desconhecidas”, “noivado da filha durando semanas”, “champanha”... E a segunda, de visível decadência, com a figura de “Sô Santo” a descer a calçada que outrora subia com charuto na boca, mas agora desce com cigarro apagado...

Mas quais seriam os motivos de tanta ruína? Para a resposta, após a morte de “Sô Santo”, o povo vai chamar um “Kimbanda” (médico, curandeiro, adivinho, exorcista, mago ou profeta) para dizer se a desgraça do velho adveio

por “desamparo de Sandu/ Ou se é já própria da Raça...” Portanto, o povo vai buscar na sua cultura a resposta para a indagação feita, ou seja, para as causas responsáveis pela ruína de “Sô Santo”. Tal atitude indica o caminho a seguir na busca de soluções para os problemas angolanos, tudo dentro da própria cultura histórica do mundo africano, sem qualquer alienação.

E por que Sandu, como espírito protetor do povo, ter-se-ia vingado de “Sô Santo”?

Está claríssima a resposta no poema: porque “Sô Santo”, ao adotar hábitos e costumes estranhos à sua origem e à sua formação africana, deixou-se assimilar por hábitos e costumes estrangeiros, ou seja, portugueses. Por isso, atraiu a ira ou vingança dos deuses, pois foi traidor de seu povo. “Sô Santo” teria sido assimilado, de forma alienante, pela cultura do colonizador, transformando-se assim num símbolo negativo ou num herói tragicômico, para jamais ser esquecido pela memória de sua gente. Com efeito, como se fosse um europeu e não um africano, “Sô Santo” só tirou proveito para si próprio da terra africana, não apenas como “dono de muitos musseques”, mas também prostituindo a mulher africana, ao se tornar macho de amantes e mais amantes de moças ou raparigas solteiras. Foi pois assimilando hábitos dos colonizadores europeus que organizou banquetes “pr’a gentes desconhecidas”; discriminou os seus irmãos, dando ao povo kitoto e batuque, enquanto aos estrangeiros convidados oferecia champanha. Sendo assim, é claro que a alienação destruiu “Sô Santo”, não havendo qualquer motivo para considerá-lo “o símbolo da Raça” que, por estranha e injusta fatalidade, estaria sempre destinada a “descer a calçada.”

Fica patente, portanto, que o poema recria, literariamente, uma época sócio-cultural, misturando níveis de língua num discurso bivalente que se divide em dois momentos histórico-poéticos. No primeiro com o predomínio claro do fenômeno lingüístico da africanização e não do aportunuesamento, tem-se:

Muari-ngana Santo
 dim-dom
 ual’o banda ó calaçala
 dim-dom
 chaluto mu muzumbo
 dim-dom

E o segundo:

Lá vai...
 descendo a calçada,
 A mesma calçada que outrora subia,

Cigarro apagado,
 Bengala na mão...
 ...Se ele é o símbolo da Raça
 ou vingança de Sandu...

Na primeira estrofe, claramente, interpenetram-se dois sistemas lingüísticos: o Kimbundo e o Português, africanizando-se as palavras da Língua Portuguesa por adaptações fono-morfológicas.

No que se refere às correspondências isotópicas existentes no poema, ainda na primeira estrofe temos: a figura de “Sô Santo” subindo a calçada; e, na segunda, temo-lo descendo a calçada. Na primeira estrofe, “Sô Santo” aparece de “chaluto mu muzumbo”, como símbolo de riqueza. Já na segunda, vêmo-lo de “cigarro apagado”, índice de ruína ou decadência. Há aqui pares opositivos que indicam fartura e miséria, alternadamente. Veja-se: subir a calçada / descer a calçada; charuto na boca / cigarro apagado. Com isso, o poeta sugere – tomando a figura de “Sô Santo” como símbolo – a própria alteração sofrida pela sociedade angolana em face da colonização portuguesa. Há, por assim dizer, uma transformação de linguagem, na mudança do discurso crioulo para o discurso português. A propósito, indaga o professor Salvato Trigo, Reitor da Universidade Fernando Pessoa: terá o poeta querido marcar, com tal transformação de linguagem, todo esse período de europeização insensata que Angola suportou a partir do nosso século [refere-se ao século XX] até ao fim do domínio colonial?” (Cf. *Luandino Vieira, o logoteta*. Porto, Brasília Editora, 1981, p. 86).

Como é sabido pelos estudiosos do assunto, depois da colonização dita “não-dirigida”, intensificou-se, sobretudo no início do século XX, a chamada colonização dirigida com todo um processo de assimilação cultural, nesse processo incluindo-se a criação do Liceu Salvador Correia, em 1919, entrando em vigor o ensino secundário oficial. Acrescente-se a isso a publicação de jornais defendendo a superioridade cultural do mundo europeu e a proibição, por Norton de Matos, do ensino das línguas nativas de Angola nas Missões, a não ser para fins de catequese. Mais ainda: houve a ocidentalização dos veículos de difusão cultural, como o cinema e o teatro; construções arquitetônicas à maneira européia; e o asfalto citadino como índice de riqueza, em contraste com a miséria dos musseques e das sanzalas, ou seja, povoados ou aldeias de gente pobre, na periferia das cidades. No Brasil, note-se que o termo senzala, com dissimilação do /a/, tem outro sentido: habitação dos escravos ao fundo da Casa Grande dos Senhores. Outro sentido, mas no mesmo campo semântico.

O que acima foi exposto mostra, claramente, que o poema de Viriato da Cruz contém ou revela uma crítica amarga aos que forçaram a transformação de uma

sociedade africana numa sociedade européia, alienando as pessoas por intenso processo de assimilação e pondo na marginalidade os que se opuseram ao novo regime. Na verdade, “Sô Santo” evoca tal transformação, ao mesmo tempo em que invoca o mundo angolano que a precedeu e a que a geração de Vamos descobrir Angola! deseja regressar para, a partir dele, construir uma literatura capaz de traduzir, como dizia Agostinho Neto, “a melodia crepitante das palmeiras/lambidas pelo furor de uma queimada.” (Cf. Salvato Trigo, op.cit., p.86).

Sem dúvida alguma, houve muita gente “assimilada”, a exemplo de “Sô Santo”. Mas, ao lado disso, crescia a massa marginalizada, que falava o “preto-guês” ou dialeto crioulo num discurso mestiçado que adaptava o sistema lingüístico do português ao sistema das línguas africanas, sempre falado nos musseques e nas sanzalas. Desse processo de africanização, surgiu o conceito de decalque como a tendência que tem o aloglota em adaptar às estruturas de sua língua materna os elementos advindos da língua estrangeira. Inversamente, na língua falada pelos “assimilados”, e também na língua literária, há penetração de elementos das línguas nativas ou maternas na estrutura da língua portuguesa. A propósito disso, conclui o Professor Salvato Trigo: “a diglossia, que a língua portuguesa suporta sem grandes conflitos, é o preço que ela teve de pagar, enquanto língua de diáspora.” (op.cit. p.88). Nesse sentido, com efeito, a língua portuguesa, em sua flexibilidade, muito mais do que ocorreu com outras línguas de colonização, deixou-se mestiçar facilmente, crioulandando-se. E a interpenetração de sistemas lingüísticos diversos gerou as deformações fonomorfológicas dos discursos mestiçados. Se a língua de base for a portuguesa, os termos da língua materna serão tomados de empréstimo, com naturais adaptações lingüísticas. Ou seja: há processo de aportuguesamento, como ocorreu no Brasil com palavras de origem indígena referentes à fauna, à flora e também com palavras de origem africana ou de outra procedência, todas elas incorporando-se ao léxico do português da América. Mas, se, ao contrário, for africana a língua de base, nela penetrando, por empréstimo lingüístico, os termos da língua portuguesa, haverá um processo de africanização da língua portuguesa. Sendo assim, fica patente que a flexibilidade e a plasticidade da Língua Portuguesa, amoldando-se à necessidade de expressão de povos etnolingüisticamente distintos, graças à ductibilidade com que se deixa usar, atingem limites que seriam insuportáveis em outras línguas, de tal forma que as literaturas africanas dificilmente poderiam ser expressas em outras línguas de colonização, sem grandes prejuízos. Como nos mostra o texto de Viriato da Cruz, o povo colonizado apoderou-se da Língua Portuguesa para africanizá-la, na construção de uma língua literária claramente independente da de Portugal. Em outras palavras: fundamentalmente, a *langue* parece a mesma, mas já é outra a dinâmica da *parole*. No caso, o que vai importar é a construção de uma estética literária africana, capaz de exprimir, numa língua de cultura ou de civi-

lização escrita, que é a portuguesa, o sentimento profundo do povo, diante da grandeza e da precariedade da própria condição humana.

Em suma, convém distinguir, desculpem-me a insistência, com clareza, africanização de aportuguesamento. Os empréstimos lingüísticos que se ajustam à língua portuguesa nada têm a ver com o fenômeno de africanização e sim com o de aportuguesamento, enriquecendo-se o vocabulário da língua de Camões. Em tudo isso, o importante não é ter muitas línguas ágrafas, e há 1900 em África, mas dispor, ao lado delas, de uma língua de civilização escrita, no caso a portuguesa, que é a sexta língua materna mais falada no mundo, ocupando o imenso espaço etnolingüístico da lusofonia, com mais de duzentos milhões de falantes. E o novo milênio exige, bem sabemos disso, o fortalecimento dos grandes blocos lingüísticos, entre eles incluindo-se o da Língua Portuguesa, já agora com a presença de Timor Leste, ao lado das cinco nações africanas de língua oficial portuguesa, estas últimas um tanto seduzidas pelo inglês ou pelo francês, infelizmente, e ao lado do Brasil e de Portugal. E vamos concluir com os seguintes versos de António Ferreira:

Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
a portuguesa língua, e, lá onde for,
senhora vá de si, soberba e altiva.
Se'té 'qui esteve baixa e sem louvor.
culpa é dos que a mal exercitaram,
esquecimento nosso e desamor.

Muito obrigado pela generosa atenção!

Eis os textos usados:

Sô Santo

Poema angolano de Viriato da Cruz

Lá vai o Sô Santo...
Bengala na mão
Grande corrente de ouro, que sai da lapela
Ao bolso... que não tem um tostão.

Quando Sô Santo passa
Gente e mais gente vem à janela:

- “Bom dia, padrinho...”
- “Olá...”
- “Beça, cumpadre...”
- “Como está?...”
- “Bom-om di-a sô Santo!...”
- “Olá, povo!...”

Mas por que é saudado em couro?
Por que tem muitos afilhados?
Por que tem corrente de ouro
A conferir sua pobreza?...
Não me responde, avó Naxa?

– Sô Santo teve riqueza...
Dono de musseques e mais musseques...
Padrinho de moleques e mais moleques...
Macho de amantes e mais amantes,
Beça-nganas bonitas
Que cantam pelas rebitas:

“Muari-ngana Santo
 dim-dom
ual’o banda ó calaçala
 dim-dom
chaluto mu muzumbo
 dim-dom”

Sô Santo...

Banquetes p’ra gentes desconhecidas
Noivado da filha durando semanas
Kitoto e batuque prò povo cá fora
Champanha, ‘ngaieta tocando la dentro...

Garganta cansando:

“Coma e arrebenta
e o que sobrar vai no mar...

“Hum-hum

Mas deixa...

Quando o Sô Santo morrer,
Vamos chamar um kimbanda
Para ‘Ngombo nos dizer
Se a sua grande desgraça
Foi desamparo de Sandu
Ou se é já próprio da Raça...

Lá vai...

descendo a calçada,
A mesma calçada que outrora subia,
Cigarro apagado, bengala na mão...

...Se ele é o símbolo da Raça
ou vingança de Sandu...

(Poemas, 1961)

Essa negra fulô

Jorge de Lima

Ora, se deu que chegou
(isso já faz muito tempo)
no bangüê dum meu avô
uma negra bonitinha
chamada negra Fulô.

Essa negra Fulô!

Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!

(Era a fala da Sinhá)

– Vai forrar a minha cama
pentear os meus cabelos
vem ajudar a tirar
a minha roupa, Fulô!

Essa negra Fulô!

Essa negrinha Fulô!

ficou logo pra mucama
para vigiar a Sinhá
pra engomar pro Sinhô!

Essa negra Fulô!

Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!

(Era a fala da Sinhá)

vem me ajudar, ó Fulô,
vem abanar o meu corpo
que eu estou suada, Fulô!
vem coçar minha coceira,
vem me catar cafuné,
vem balançar minha rede, vem me contar uma história, que eu estou
com sono, Fulô!

Essa negra Fulô!

“Era um dia uma princesa
que vivia num castelo

que possuía um vestido
 com os peixinhos do mar.
 Entrou na perna dum pato
 saiu na perna dum pinto
 o Rei-Sinhô me mandou
 que vos contasse mais cinco.”

Essa negra Fulô!
 Essa negra Fulô!

Ó Fulô? Ó Fulô?
 Vai botar para dormir
 esses meninos, Fulô!
 “Minha mãe me penteou
 minha madrasta me enterrou
 pelos figos da figueira
 que o Sabiá beliscou.”

Essa negra Fulô!
 Essa negra Fulô!

Fulô? Ó Fulô?
 (Era a fala da Sinhá
 chamando a negra Fulô.)
 Cadê meu frasco de cheiro
 que teu Sinhô me mandou?

– Ah! Foi você que roubou!
 Ah! Foi você que roubou!

O Sinhô foi ver a negra
 levar couro do feitor.
 A negra tirou a roupa.
 O Sinhô disse: Fulô!

(A vista se escureceu
que nem a negra Fulô)

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô? Ó Fulô?
Cadê meu lenço de rendas,
cadê meu cinto, meu broche,
cadê meu terço de ouro
que o teu Sinhô me mandou?
Ah! foi você que roubou.
Ah! foi você que roubou.

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

O Sinhô foi açoitar
sozinho a negra Fulô.
A negra tirou a saia
e tirou o cabeção,
de dentro dele pulou
ninha a negra Fulô.

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô? Ó Fulô?
Cadê, cadê teu Sinhô
que Nosso Senhor me mandou?
Ah! Foi você que roubou,
foi você, negra Fulô?

Essa negra Fulô!